

Economia pára e espera defecho da crise política

LÉA CRISTINA e CRISTINA ALVES

Cena I: Caiu de 34% no primeiro trimestre deste ano, para 6% no segundo, o número de transações de compra ou aquisição de empresas feitas pelas multinacionais no Brasil. No primeiro trimestre, de um total de 32 transações, 11 foram feitas pelas multís. No segundo, de um total de 29, apenas duas.

Cena II: As Bolsas de Valores receberam, no segundo trimestre do ano, US\$ 614 milhões em investimentos externos, contra US\$ 755 milhões do primeiro. O pior resultado do ano foi o de junho (US\$ 134 milhões), bem abaixo da média dos seis meses (US\$ 228,1 milhões).

Cena III: A GPC Consultores costuma ser informada com 50 dias de antecedência sobre os preços que serão cobrados em determinado mês, para proceder em suas estimativas de inflação. Portanto, desde 20 de julho já deveria ter obtido dados referentes a setembro. Mas nada disso: até semana passada, os fornecedores não tinham fixado os preços de encomenda para entrega no próximo mês.

O Brasil está novamente em desaceleração: decisões de investimentos são adiadas e projetos que recentemente saíram das gavetas são guardados de novo. Pe-

lo menos até agosto passar: na expectativa do que a CPI do PC pode reservar para o presidente Collor, as empresas entendem que o risco Brasil está aumentando. Entre os medos: dolarização, congelamento ou hiperinflação. Um diretor de banco múltiplo, por exemplo, conta que, nos últimos dias, foi surpreendido pelo telefonema de um investidor estrangeiro que decidiu adiar a sua participação na privatização. O negócio — de US\$ 10 milhões — está engavetado até segunda ordem.

E desta vez o problema não é apenas a recessão ou mesmo algum novo choque heterodoxo: a questão é política e só pode ser resolvida neste terreno. E desta forma que empresários e diretores de consultorias estão traduzindo o que acontece com a economia, hoje.

E a possibilidade de instauração de um processo de **impeachment** do presidente Collor não é tudo: pior é a ameaça de queda do ministro Marcílio Marques Moreira e toda sua equipe. Segundo as mesmas fontes, a saída do ministro teria efeitos econômicos muito mais graves do que a queda do presidente. E se o Marcílio fica, mas abre mão da austeridade? Não há como traçar cenários sobre isso, porque a maioria dos agentes econômicos simplesmente não acredita que o ministro aceite este papel.